

RESENHA

MACEDO, Magda Martins; SILVA, Cássio Alexandre da; ALMEIDA, Clebson Souza de; MARTINS, Ivy F. Higino (Org.). *Opará e Jequi: os vales e seus saberes*. Montes Claros: Projeto Cultural, 2017.

OPARÁ E JEQUI: OS VALES E SEUS SABERES

Responsável pelo Resenha:

Maria Aparecida Colares Mendes¹

O livro *Opará e Jequi: Os Vales e Seus Saberes* nasce da materialidade de um sonho coletivo, de um sonho que retrata a diversidade de modos de vida, de um sonho que legitima todas as formas de expressão do povo sertanejo, de um sonho de respeito às multiplicidades e a contextualização da Educação do Campo, um sonho que exprime as confluências das diferenças num projeto literário, informativo e artístico de extremo capricho.

Minha experiência na leitura do livro *Opará e Jequi: Os Vales e Seus Saberes* foi inusitada. Ao ter o livro em minha mão me apaixonei de cara, tudo se iniciou pelo nome, pois minha curiosidade era descobrir o que significava Opará; em seguida a ilustração, que por meio de uma editoração primorosa propicia aos olhos do leitor o deleite e, imediatamente, me lembrei do ditado popular, “beleza não põe mesa, mas abre o apetite”. E foi assim, abriu meu apetite, degustei cada palavra, cada ilustração e cada informação.

Descobrir que meu Velho e Amado Chico é o Velho Opará foi maravilhoso, cada página é uma descoberta, cada palavra é um exercício de brincar de soltar pião, a linha solta, você enrola novamente, joga o pião e a linha solta novamente, e se estabelece um vai e vem interminável. As narrativas poéticas dão uma fome danada, fome de engolir cada palavra, cada frase, cada ilustração. Dá fome de navegar pelo *Opará* e ir ao encontro do *Jequi*, e juntinhos em um enlace amoroso, gostoso e desejoso visitar cada comunidade, cada povo e de fato ser um lavrador de sonhos, de gritar e anunciar a luta do povo do campo, de deixar para trás a tristeza e a saudade.

Ler o *Opará e Jequi* me fez navegante na poesia e na história, na geografia e na cultura; provocou andanças por universos pouco conhecidos, me apresentou a mágica que se traduz

¹ Doutora em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora de ensino técnico e tecnológico do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). E-mail: mariacidacolares@gmail.com

por meio da luta dos Índios que veneram e reverenciam a *Pacha Mama*, percorre-se o tempo e o espaço, vivem seus conflitos e suas perdas, mas tem a proteção de Tupã. Índios guerreiros, protetores das florestas, são Índios de tempos, na essência do viver. E a viagem prossegue... Tem os Quilombolas, negros margeados pela dor, que têm a capacidade de invertê-la e na roda da vida é gente que encanta, que dança, são gente criativa e de fé e que segue em frente.

E eu me vejo a cada folha aprendendo, descobrindo e me emocionando. O livro *Opará e Jequi* não para de me encantar, fico lendo e relendo, a cabeça já não memoriza tudo, mas o sentimento não tem memória a gente só sente e, assim, a fome aumenta e na vazante dos rios encontro os Vazanteiros, povo de luta, povo trabalhador, plantador e pescador de comida e de sonho, mata a fome e gera a fome em entendê-los e reconhecê-los como povo de verdade, como povo de história. E, dessa forma, fui andando e navegando pelos vales, fui me tornando cada vez mais faminta do *Opará e Jequi*. Encontrei os Gerazeiros, povo sonhador e lutador dos Gerais, e cheguei ao povo Catingueiro, povo festeiro e folião.

E, assim, meus sentidos foram embalados em cada linha, em cada figura, em cada criança, em cada jovem, em cada senhor e em cada senhora que constrói sua história. A luta de cada um deles é a nossa luta, a terra nos foi dada para ser cuidada, plantar nosso alimento, saciar nossa sede. A terra é de todos, anunciando e denunciando que o desafio da luta dos Sem-terra é ter terra, terra para viver, terra para plantar, terra para colher alimento vivo, alimento limpo, saciar o corpo e saciar a alma.

A cada cantinho da *Pacha Mama* temos um espaço sagrado e o livro *Opará e Jequi: Os Vales e Seus Saberes* se faz sagrado. E ao se manifestar a mim como sagrado me revela sua profanidade humana, sacralizada e transformada pelas mãos de todos que teceram a obra.

Para finalizar retomo uma estrofe do poema “Voz navegante do Semiárido” escrito por Clebson Souza de Almeida (p. 26- 27):

*Prestem atenção, crianças,
no que os velhos vem contar.
Criam peixes, criam homens,
águas turvas a rolar.
Banham vidas banham sonhos,
até desaguar no mar.
Quem vos fala são guerreiros
do Jequi ao Opará.*

E para me fazer presente, faço um convite a todos: leiam e degustem o livro *Opará e Jequi: Os Vales e Seus Saberes!* Vale a pena percorrer pelos Vales e pelos seus saberes, vale a pena saborear a poesia, vale a pena lutar pelos Vales.

Recebido em: 09 de agosto de 2018

Aceito em: 15 de novembro de 2018
